O novo contexto do relacionamento Luso-Brasileiro

DÁRIO MOREIRA DE CASTRO ALVES (*)

A descoberta do Brasil por Portugal em 1500 se situou no desdobramento dos grandes movimentos de navegações que se registaram na Europa a partir do século XV, em que Portugal, por várias causas, teve papel absolutamente preponderante. Ultrapassava-se o ciclo das navegações no Mediterrâneo ao longo do século XV, em que o grande objeto era o transporte de especiaria, drogas, tecidos, tapetes, porcelanas, pedras preciosas, madeiras raras, essências e perfumes de países do Oriente - Índia, Pérsia, China - do Mediterrâneo oriental para o restante da Europa. Portugal entrou em pleno na Era das Descobertas nos séculos XV e XVI, com predomínio na costa africana, nas grandes rotas para o Oriente pelo Oriente e depois para o Atlântico em geral, onde esplendeu o achamento do Brasil. Detinha o país à época a quintessência da arte e da ciência (tecnologia como assim hoje se denominaria) das grandes navegações, graças à elevada categoria intelectual e moral da elite dirigente sob os reis da dinastia de Avis e seus filhos ("ínclita geração"), dentre os quais avulta sobremodo a figura extraordinária de D. Henrique, o Navegador, movido que era pelo espírito de cruzada e cavalaria e por considerações de natureza política, econômica e geográfica. O papel de Portugal na Era das Grandes Navegações foi primacial, acima de qualquer outra potência. Disse Daniel Boorstin, ex-Diretor da Biblioteca do Congresso dos EUA, que *"o empreendimento das Descobertas foi*

(*) Embaixador brasileiro reformado, Presidente do Conselho de Curadores da Fundação Luso-Brasileiro para o Desenvolvimento do Mundo de Língua Portuguesa e sócio correspondente do Instituto do Ceará.

organizado a longo prazo, tendo sido o feito dos portugueses mais moderno, mais revolucionário do que as façanhas amplamente celebradas de Colombo". E também: *"O maior empreendimento de Colombo foi algo que nem ele mesmo imaginou, um subproduto de seus propósitos, uma conseqüência de fatos inesperados. O feito dos portugueses foi o produto de um claro propósito que demandou forte apoio nacional. Aí estava um grandioso protótipo da moderna exploração."*

A presença de Portugal no Brasil no primeiro século da descoberta veio surgindo lentamente. O sentido de ocupação definitiva do território foi marcado pela expedição de Martim Afonso de Sousa que deixou Lisboa no fim de 1530 para percorrer a costa do Brasil de norte a sul, isto é, de acordo com a linha de Tordesilhas, da foz do rio Amazonas, no atual Estado do Pará, a um ponto no que é hoje o Estado de Santa Catarina. Fundou ele no litoral paulista, em 1532, a primeira vila do Brasil, São Vicente, onde ergueu pelourinho, símbolo do poder da Câmara Municipal, erigiu capela, distribuiu terras a sesmeiros que se dispusessem a cultivá-las. No dizer de Pero Lopes, irmão de Martim Afonso de Sousa, foi então que começou a haver no Brasil "vida conversável".

As relações entre Brasil e Portugal estão hoje situadas num contexto verdadeiramente novo e diferente do que perdurou por tempo entre os dois países irmãos. É louvável tudo o que se disser em exaltação das relações afetivas, sentimentais e culturais entre as duas pátrias num e noutro lado do Atlântico. Faz isto bem à alma dos dois povos, como está presentemente sucedendo com a glorificação do achamento do Brasil, ao completar-se meio milênio, neste ano de 2000, do grande feito. Seria, porém, um erro atuar como se a prática dessa retórica esgotasse o sentido e a essência de nosso relacionamento. Este deve ser baseado sobre considerações do presente e do futuro. Sobre a retórica devem ser construídas relações voltadas para a cooperação no campo econômico, financeiro, empresarial, científico, tecnológico, cultural.

De um lado, a integração plena de Portugal na União Européia, seu "atrelamento" ao comboio dos ricos, seu desenvolvimento em todos os campos e a decisiva estratégia de internacionalização

de sua economia; de outro, um Brasil com uma economia amadurecida, renovada, aberta, estável, sujeita a um regime democrático em toda sua latitude. E o reconhecimento das vantagens de uma aproximação recíproca, em que a lusofonia teve também seu papel coadjutor de relevância.

A grande arrancada do moderno e efetivo relacionamento luso-brasileiro teve um marco importante na identificação e ênfase dadas ao assunto pelo Primeiro-Ministro Antônio Guterres que, em abril de 1996, chefiou a mais importante missão governamental e empresarial portuguesa jamais levada ao Brasil, ao mesmo tempo que declarou as relações com o país irmão como prioridade da política externa portuguesa. Na política de internacionalização da economia o Brasil se convertia no principal destino dos investimentos portugueses no exterior: quase 50 milhões de contos, em 1996, o dobro das inversões lusas até aquele ano na terra de Santa Cruz e consideráveis saltos foram dados em 1997 e em 1998, ano em que os investimentos portugueses no Brasil ultrapassaram 550 milhões de contos, com a forte presença - a maior dentre as empresas portuguesas - da Portugal Telecom no programa de privatizações de telecomunicações brasileiras. Numerosos outros investimentos foram feitos até ao presente pela Caixa Geral de Depósitos, Grupo Espírito Santo, a EDP, o IPE, a CIMPOR, a SONAE, Jerônimo Martins, o Grupo Pestana, o Grupo Nelson Quintas, Vista Alegre, e outros. Disse recentemente o Dr. Synésio Sampaio Goes, com sua autoridade pessoal e oficial como Embaixador do Brasil em Portugal, que os acontecimentos levaram a que o Brasil se tornasse sede de 46 por cento do capital português investido no exterior, com a instalação de cerca de 40 grandes e médias empresas portuguesas que levaram para o Brasil mais de 7 mil milhões de dólares. Com isto Portugal veio a ser, no fim dos anos 90, o terceiro maior investidor no Brasil. Acrescentemos que nunca, nem em nenhum outro sítio do mundo, fez Portugal tão elevados investimentos como os fez ultimamente no Brasil.

Da parte brasileira vieram investimentos em fins da década de 80, com a instalação de grande companhias de construção de obras públicas, a Odebrecht, a Andrade Gutierres. Registrou-se o

surgimento de um fluxo migratório brasileiro para Portugal, discreto em termos gerais, mas sem precedentes nos 500 anos de relacionamento luso-brasileiro, com um contingente de mais de 20.000 nacionais do país irmão.

Este é o panorama da nova, promissora, moderna e criativa convivência luso-brasileira, sem dúvida um novo contexto.